

A primeira Lanterna Verde negra: afrofuturismo e subjetividades em *Far Sector* (Setor Final), de N. K. Jemisin e Jamal Campbell

The first black Green Lantern: afrofuturism and subjectivities in Far Sector, by N. K. Jemisin and Jamal Campbell

Paloma Nascimento dos Santos¹

RESUMO

A primeira “Lanterna Negra” foi introduzida ao panteão de super-heróis e heroínas na HQ *Far Sector* (Setor Final), escrita por N. K. Jemisin. Este artigo apresenta a referida HQ a partir de uma análise inicial de seus elementos afrofuturistas. A narrativa introduz Sojourner “Jo” Mullen, a primeira Lanterna Verde negra e com sexualidade diversa, vivendo e trabalhando em uma cidade futurista, governada pelo dispositivo *Emotion Exploit*, que regula as emoções de seus(as) habitantes. A obra explora metáforas sobre controle, dissenso e futuro, e elabora uma crítica política, com elementos negros combinada com uma estética cyberpunk e afrofuturista. *Far Sector* articula afrofuturismo e crítica sociopolítica, projetando possibilidades alternativas de existência e subjetividades negras e imaginação. Nesse sentido, a história constitui-se como um marco na produção de quadrinhos, pois reconfigura cânones *mainstream* em narrativas afrofuturistas, estabelecendo-se como narrativa de futuros outros.

Palavras-chave: afrofuturismo; Lanterna Verde; subjetividades negras; história em quadrinho.

¹ Doutora em Educação e Ensino de Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS. Docente do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS), Salvador/BA. E-mail: palomans@ufba.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2480-4666>.

ABSTRACT

This article examines the comic book *Far Sector* (2019–2021), written by N.K. Jemisin and illustrated by Jamal Campbell, through an initial reading of its Afrofuturist elements. The narrative introduces Sojourner “Jo” Mullen, the first black and queer Green Lantern, whose trajectory symbolizes the opening of new horizons within an established canon. Set in a futuristic city governed by the *Emotion Exploit*, a device that regulates the emotions of its inhabitants, the work explores metaphors of control, dissent, and future. By combining cyberpunk aesthetics, political questioning, and black protagonism, *Far Sector* brings together Afrofuturism and cultural critique, projecting alternative possibilities of existence and imagination. In this sense, the comic stands as a landmark in the dialogue between pop culture and Afrofuturist narratives, highlighting the power of black subjectivities in the construction of other futures.

Keywords: afrofuturism; Green Lantern; black subjectivities; comics.

1 Introdução

Os quadrinhos são produtos culturais que refletem os interesses políticos de quem os produz, mas também evidenciam os processos de mudanças que acontecem no mundo, refletidos em narrativas e personagens. Assim, eles se inscrevem na cultura como arte, como fontes históricas e também como elementos artísticos e históricos para analisar a sociedade. São comunicação de massa e legitimados por causa de sua importância cultural, com contribuições marcadas pelo desenvolvimento artístico ao longo de décadas.

Quadrinhos de massa (*mainstream*) podem ser definidos como histórias das grandes editoras norte-americanas (*DC Comics*, *Image Comics*, *Marvel Comics* e *Dark Horse*) que possuem distribuição regular, com difusão mundial, e que circulam amplamente, estando presentes como produtos culturais; expandindo-se para subprodutos de consumo (livros, camisetas, brinquedos, brindes para o cinema, jogos), que dimensionam o alcance de seus(suas) personagens (Quiangala, 2017). Um dos mais prolíficos gêneros dos quadrinhos *mainstream* são os do gênero heroico, conjunto que institui um ou mais sujeitos com habilidades, poderes ou acesso a tecnologias acima da média, sobre-humanas, mágicas ou acima do que é considerado “normal”. Para Silva (2011), um herói ou heroína possui habilidades excepcionais, mas que são possíveis para um ser humano. No entanto, para ser um super-herói ou super-heroína, são necessárias habilidades acima das humanas, que só podem existir dentro de um mundo habitado por esses seres complexos.

O surgimento do gênero heroico e o estabelecimento dos principais personagens *mainstream* nos quadrinhos foi consolidado com as publicações de editoras especializadas, principalmente a *Marvel* e a *DC Comics*. A discussão sobre a predominância de personagens brancos e masculinos ao longo da história reforça uma tradição marcada pela ausência ou pouca publicação de heróis e heroínas negras, fato que está sendo modificado nos últimos anos. Existem produções que ampliam as maneiras de escrever personagens negros e negras clássicas, acrescentando identidade e narrativas enegrecidas de maneira responsável, ao mesmo tempo em que novas personagens nascem, a partir do acesso e da produção protagonizada por quadrinistas e escritoras(es) negros e negras.

É a partir desse contexto, que, em 2019, é publicada a história em quadrinho *Far Sector* (publicada em português como *Setor Final*), escrita por N. K. Jemisin, autora negra de ficção

científica, e ilustrada por Jamal Campbell. Na minissérie, somos apresentadas a Sojourner ‘Jo’ Mullen, a primeira Lanterna Verde mulher negra, rompendo a tradição de lanternas verdes homens e também com a exclusividade do primeiro (e mais consolidado e conhecido) Lanterna Verde negro, o John Stewart. A trama está ambientada em uma cidade futurista em que as pessoas são comandadas por um dispositivo que regula e extingue as emoções de seus habitantes, estabelecendo uma maneira pretensamente mais fácil de se instituir controle, reduzindo, teoricamente, as violências. A história combina uma estética visual afrofuturista e elabora uma crítica política que questiona regimes de poder, questões de raça e inscreve *Far Sector* como uma história em quadrinho afrofuturista. Também se torna um marco, pois articula ciência, tecnologia e questões afrodiaspóricas, com uma mulher negra no papel de uma heroína.

A partir desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar a história em quadrinho *Far Sector*, utilizando perspectivas afrofuturistas, evidenciando a obra como marco afrofuturista e negro para os quadrinhos *mainstream*. Buscou-se destacar a trajetória de Jo Mullen como a primeira Lanterna Verde negra, a partir dos elementos e dos sentidos de ruptura que sua emergência subjetiva produz no interior de uma narrativa heroica; e como as perspectivas de gênero e raça, sob as lentes afrofuturistas, reconstroem o gênero de super-heróis.

2 *Far Sector* e a reescrita de uma Lanterna Negra

A minissérie *Far Sector* (2019-2021) foi publicada em doze edições pela *DC Comics* no selo *Young Animal*, proposta alternativa da editora para publicar personagens “esquecidos” ou recontar histórias e atualizar conceitos pouco explorados a partir dos clássicos com nova estética (*DC Entertainment*, 2025). *Far Sector* se constitui como um marco no universo dos quadrinhos. Em primeiro lugar, por causa de sua escritora, a norte-americana N. K. Jemisin, autora de ficção especulativa ganhadora dos prêmios *Nebula* e *Hugo Awards*. *Far Sector* também recebeu o prêmio *Hugo*, mais prestigiado prêmio da ficção científica e concedido anualmente desde 1955, na categoria “quadrinhos”, em 2022. Sua produção inclui as trilologias *A Terra Partida*, *Legado* e a série *Grandes Cidades*. É considerada uma autora afrofuturista por apresentar uma ficção científica negra, com um modelo de construção de mundo e de utopias em contraponto a cenários distópicos, em que a raça é utilizada como conceito central para a crítica à nossa sociedade, projetando futuros negros (Portela, Bonfim, 2023; Oliveira, 2023).

A autora elaborou uma história com uma ambientação isolada e tecnológica, distante do universo tradicional dos Lanternas Verdes. Criou espécies alienígenas diversas e idealizou Jo Mullein como uma personagem que pudesse estar em trânsito, tanto para o cânone quanto para novas expansões futuras. Falar de cânone em quadrinhos de super-heróis e super-heroínas funciona como mecanismo de coerência narrativa em universos longamente seriados, ao definir quais histórias são consideradas “oficiais” e vinculadas à continuidade das histórias iniciais (Teixeira, 2012). No presente artigo, adoto como cânone da Tropa dos Lanternas Verdes aquelas narrativas que se inserem na continuidade principal da *DC* e são reconhecidas editorialmente como parte desse universo. Essa delimitação permite situar a presença de Jo Mullein como ruptura dentro do cânone estabelecido.

A visualidade da trama, algo a ser analisado neste texto posteriormente, foi um critério importante, e N. K. Jemisin atribui o sucesso na caracterização da personagem em seus elementos visuais por causa da colaboração com Jamal Campbell, visto que, para escrever seus romances, a autora não organizava as narrativas visualmente em paralelo à escrita (Entertainment Weekly, 2021). A parceria com Campbell, artista canadense que trabalhou em títulos como *Naomi*, também com uma personagem negra, aponta uma coletividade negra, mesmo em um projeto *mainstream* de uma grande publicadora, como é o caso de *Far Sector*.

A história tem como protagonista a Sojourner ‘Jo’ Mullein (Figura 1), a primeira Lanterna Verde, que é uma ex-soldado e ex-oficial da polícia de Nova Iorque. Sua virada de policial para patrulheira dos lanternas se dá após sair da corporação, pois, durante os protestos do *Black Lives Matter* (“Vidas Negras Importam”, movimento político norte-americano contemporâneo, que denuncia a morte de jovens negros por força policial), ela denuncia eventos de violência policial.

Figura 1: Sojourner 'Jo' Mullen em *Far Sector*



Fonte: Jemisin (2019).

O novo local de trabalho de Jo Mullen é uma cidade intergaláctica chamada *City Enduring*, habitada por espécies alienígenas divididas em castas, que resolveram criar um dispositivo para reduzir e até suprimir suas emoções, com o intuito de eliminar conflitos. O dispositivo criado, *Emotion Exploit*, é um recurso tecnológico que garante estabilidade social para a cidade, porém elimina os afetos, transformando o local em um regime de apatia controlada.

Até que assassinatos passam a acontecer, e Jo vai precisar atuar como investigadora a partir das seguintes questões: se há controle de violência, quem pode estar cometendo os crimes? Trata-se de alguma dissidência externa ou aconteceu uma brecha/falha no dispositivo? Trata-se de um evento coletivo ou é uma ação de uma única pessoa? Logo, a trama vira um thriller policial ambientado em um cenário de ficção científica marcado pela estética cyberpunk, aqui definida como uma combinação de tecnologia avançada e degradação social, a partir de futuros urbanos de vigilância e desigualdade. A construção do ambiente inclui uma tecno noir em que as sombras dialogam com letreiros hiperluminosos (Aranha, 2019). Assim, a *City Enduring* é superpovoada, multifacetada, possui arquitetura saturada de neon, e a parte gráfica da HQ deixa evidente a desigualdade tecnológica local e o controle algorítmico da vida quando Jo circula nas periferias da cidade para investigar (Jemisin, 2019).

A reescrita dos Lanterna Verde para uma mulher negra é mais do que uma atualização para contemplar os novos tempos, pois, historicamente, a franquia Lanterna Verde ocupa um lugar importante na mitologia da *DC Comics*, desde os anos 40. Os Lanterna são uma força

policia intergaláctica criada para manter a ordem e a justiça, e este exercício é executado a partir do artefato do anel de poder, que manifesta a vontade do Lanterna portador e o transforma em criador. Hal Jordan é o primeiro humano a integrar a Tropa dos Lanternas Verdes e, segundo a *The DC Comics Encyclopedia New Edition* (2021), aparece pela primeira vez na edição #22 da série *Showcase* (1959). Ao longo das décadas, os personagens Hal Jordan, Guy Gardner, Kyle Rayner e John Stewart se tornaram ícones das tropas, quase sempre representados como homens brancos, com exceção de Stewart. Os Lanterna Verde são considerados pouco conhecidos por parte do público consumidor de quadrinhos e, ainda assim, pesquisas sobre as personagens e suas narrativas são produzidas, articulando sua perspectiva mitológica (Cazelli, 2019); criticando ideias anticomunistas e imperialistas, presentes em publicações do Lanterna Verde do final dos anos 80 (Santos e Brandão, 2024); e sobre o Lanterna Alan Scott, cuja sexualidade foi apresentada e discutida na edição Orgulho DC, em que o exercício de sexualidade escondido para um personagem LGBTQ+ se apresenta como um dispositivo de controle (Bertolli-Filho e Amaral, 2017; Simões e Bertazo, 2025).

Assim, a chegada de Jo Mullein em *Far Sector* se apresenta como uma revolução dentro da própria Tropa dos Lanterna Verde, não apenas porque, pela primeira vez, uma mulher negra e com sexualidade dissidente integra a corporação, protagoniza uma história e é escrita por uma mulher negra com produção afrofuturista. A figura de Jo rompe com o arquétipo tradicional dos Lanterna Verde como homem branco/cis e complexifica a narrativa, ao inserir questões de gênero, questões raciais, crítica negra à violência institucional, racismo e a discussão sobre justiça e afeto/emoções como dispositivo de controle.

O entendimento da Tropa dos Lanternas como metáfora de uma força universal promotora de lei e justiça é completamente bagunçada com a presença de Jo Mullein em seu cânone. Uma mulher negra na corporação questiona quem tem o direito de legislar, de proteger uma população, de propor justiça e de ser reconhecido como cidadão e como cidadã legítimos. Durante a trama, uma mulher negra em narrativa explicita perspectivas afrofuturistas para os temas policiamento e ativismo, racismo, controle e dissenso (inclusive, não apenas para corpos, mas também para subjetividades), castas alienígenas como metáfora para a divisão da sociedade ficcionalizada, e resistência política. A história dos Lanterna Verde em *Far Sector* adquire uma dimensão negra para o exercício da autoridade dos guardiões, ao inserir Jo e retirar a exclusividade masculina deste ofício. Também uma dimensão de subjetividade negra ao fazer com que uma mulher questione a ausência dos afetos e a própria vulnerabilidade em meio a uma trama policial e política, e uma dimensão de futuro, visto que as perspectivas afrofuturistas

promovem a criação de histórias em que pessoas negras e marginalizadas são projetadas em um futuro como protagonistas de seus destinos e capazes de salvar e mudar qualquer mundo, em qualquer jornada (Oliveira, 2023; Ain-Zaila, 2018; Souza, 2019).

3 Elementos afrofuturistas e subjetividades negras: uma análise da trama

O afrofuturismo é um movimento estético, político e cultural que, nos produtos culturais, articula ciência, tecnologia, memória e subjetividades negras e futuros alternativos para corpos negros (Souza, 2019; Womack, 2013). Teve sua formulação inicial atrelada a Mark Dery, nos anos 90, mas se reestruturou como projeto por meio de autoras como Alondra Nelson, Ytasha Womack e Kodwo Eshun. O afrofuturismo tem como função narrativa a desestabilização de perspectivas coloniais nas artes, projetando e inscrevendo a presença negra de maneira atuante e protagonista em um futuro, que é exclusivamente negro. O afrofuturismo devolve às pessoas negras a agência sobre suas próprias memórias e vivências para que se projetem futuros com linguagem, estética e criações próprias (Dery, 2008; Ginsberg *et al.*, 2018; Womack, 2013; Ain-Zaila, Ernesto, 2023).

O afrofuturismo está presente em muitas produções artísticas e encontrou nos quadrinhos um espaço de criação e de reconfiguração de arte negra. Obras como *Pantera Negra: Uma Nação sob Nossos Pés*, de Ta-Nehisi Coates; *Ironheart*, de Eve Ewing; os brasileiros *Os Afrofuturistas: o ataque dos Kips*, quadrinhos da Editora Kitembo; e o quadrinho baiano *Kairu-Edé: Guerreiro Fantasma*, do quadrinista e professor Darwiz Bagdeve, são exemplos. Para Souza (2019), a linguagem dos quadrinhos permite que se construam narrativas afrofuturistas, principalmente porque há uma articulação entre discurso e narrativa visual que favorece a elaboração de novos mundos ficcionais.

É dentro do movimento afrofuturista que *Far Sector* está situada, sendo aqui analisada como obra pertencente aos quadrinhos afrofuturistas. Para isso, serão analisados os elementos afrofuturistas presentes na trama a partir das seguintes categorias: (i) afrofuturismo e perspectivas visuais; (ii) subjetividade negra em um futuro tecnológico; e (iii) afetos, questões raciais e de gênero. Ter sido escrita por uma mulher negra e ter uma protagonista negra não faz de *Far Sector* um quadrinho afrofuturista. Para Waldson Souza (2019), existem alguns eixos fundamentais para classificar uma obra como afrofuturista, que são: futuro ancestral – a obra precisa apresentar um rompimento com a linearidade histórica própria da modernidade ocidental, articulando tempos não lineares na trama e com um profundo papel da memória para

reinscrever horizontes futuros; protagonismo negro – não basta apenas possuir protagonistas negras, mas elas precisam estar no centro da narrativa e com ação efetiva. O protagonismo negro também prevê autoria negra com autonomia, para que os cânones sejam reescritos; ruptura da cronologia colonial, em que as narrativas e pessoas negras não são produtos de um resíduo de passado, mas desestabilizam narrativas de controle de poder que se reproduzem por meio da colonialidade do tempo; reapropriação de mitos, pois o afrofuturismo reescreve mitos e símbolos, criando cosmologias alternativas, tecnológicas e negras (Souza, 2019).

Aqui, inserimos mais um elemento que consideramos como fundamental para classificar um quadrinho ou obra como afrofuturista, que é a presença na narrativa de sexualidades outras, para além da heterossexualidade cis padrão. Ter a possibilidade, como personagem negra, de experimentar novas formas de afetividades sexuais nos quadrinhos e a apresentação de identidades sexuais diversas e fluidas também faz parte de um movimento afrofuturista. Deslocamentos de gênero e sexualidade são parte do mesmo projeto de desnormalização colonial, especialmente quando corpos, afetos e desejos são tratados como tecnologias de mundo (isto é, modos de produzir futuro). Nesse sentido, a presença de sexualidades diversas fortalece a classificação afrofuturista, ainda que sua ausência não invalide a classificação quando os demais eixos estruturantes estão claramente presentes (Faucheux, 2017; Mougoué, 2021).

Assim, *Far Sector* se destaca como obra afrofuturista, pois Jo Mullein carrega marcas de sua experiência como policial e mulher negra nos Estados Unidos, sendo sua subjetividade marcada por violência policial e por uma memória antirracista que a faz se movimentar para outros mundos. O passado e a ancestralidade estão presentes em seu corpo e em sua mente, mesmo em um cenário futurista (Figura 2). A obra é escrita por uma mulher negra e protagonizada por uma mulher negra com sexualidade fora do padrão. Existem personagens negros e diversos na trama, e a discussão racial está presente em toda a narrativa. A personagem principal possui agência e é a condutora da história, estando no centro de uma franquia de Lanternas que era historicamente branca.

Figura 2: *City Endurance*, cidade intergaláctica onde se passa a trama de *Far Sector*



Fonte: Jemisin, Campbell (2019).

Os elementos de ruptura com a cronologia colonial costumam excluir sujeitos negros de futuros possíveis; e, em *Far Sector*, há uma Lanterna Verde negra em uma sociedade futurista e tecnologicamente avançada. Por fim, a obra se consolida como afrofuturista porque os Lanternas Verdes sempre foram vistos como cavaleiros modernos (Neal, 2023) do espaço e Jo Mullein se apresenta como uma crítica à pretensa ordem estabelecida, perturbando o horizonte da imaginação mitológica padrão, definindo-se como heroína das TROPAS.

A narrativa de *Far Sector* é construída em torno de tensões entre controle e dissenso, tecnologia e afeto, poder institucional e subjetividade. A *City Enduring* é uma metáfora de regimes contemporâneos que buscam regular corpos e emoções, seja pelo policiamento racializado, seja pela tecnopolítica algorítmica, como o software que é inserido em toda a população da cidade. O *Emotion Exploit*, ao suprimir emoções, encarna para a elite dominante o sonho de um poder absoluto: eliminar a raiva, a tristeza, o desejo, a revolta, para docilizar corpos (Pessanha, Nascimento, 2018; Foucault, 2014). Contra isso, Jo se coloca como corpo que sente, ama, sofre e se revolta em seu próprio novo emprego, que repete as estruturas racistas

da polícia nova-iorquina, mesmo num planeta distante. Sua subjetividade negra se torna metáfora de resistência à desumanização, exatamente porque ela é apenas alguém com sentimentos em um lugar higienizado de emoções. Ao expor esse ponto na narrativa, N. K. Jemisin reescreve séculos de histórias, em que as pessoas negras são apenas corpos sem sentimento, portanto indignas de afeto. Ao centralizar o “sentir” para Jo Mullein, uma estrangeira, há uma contraposição de expectativas, fazendo-a possuidora da resolução por ser humana.

4 Afrofuturismo e perspectivas visuais

A leitura de *Far Sector* a partir de uma visualidade afrofuturista está situada em um campo de análise de quadrinhos em que é preciso observar imagens, superfícies, luzes e design como tecnologia de mundo, como dispositivos que reprogramam a imaginação social para um futuro negro. O afrofuturismo, em termos teóricos, desloca o eixo da modernidade brancocêntrica, e em termos visuais, inscreve a presença negra por meio das cores, do neon, dos brilhos especulares, das próteses e das interfaces tecnológicas presentes na trama.

Far Sector, juntamente com seu ilustrador Jamal Campbell, inscrevem a presença negra como central em um mundo cyberpunk e *high-tech* possível apenas em quadrinhos afrofuturistas. Assim, a figura de Jo Mullein se firma como ícone de uma estética afrofuturista: cabelo retrô; óculos ou visores verdes de tamanho grande, em diálogo com o cromático do anel; capa e quepe, reconfigurando o padrão esperado para um uniforme; e o diálogo com a estética de Janelle Monáe, cantora, compositora, escritora e multiartista negra norte-americana, que também possui elementos afropop e de futuridade visual em sua estética e música (Figura 3).

Figura 3: Estética afrofuturista de Jo Mullein



Fonte: Jemisin; Campbell (2019).

O componente cyberpunk de *City Endurance* – cidade vertical, neon onipresente, interfaces angulosas, máquina urbana de reflexos, paisagem noturna e excesso de publicidade luminosa – configura um conceito urbano que, na narrativa, associa-se à extinção das emoções. A cidade é um exagero, já que as pessoas estão apáticas e, portanto, controladas (Figura 4).

Figura 4: *City Endurance* e a apatia



Fonte: Jemisin; Campbell (2019).

A temática e a estética cyberpunk estão presentes na ficção científica desde a década de 80 (Jenkins, 2023) e é reconfigurada aqui, em *Far Sector*, a partir de uma ótica negra, cyberpop negra. Na história em quadrinhos, a protagonista e a cidade possuem intercâmbios com elementos negros, como cabelos, vestuários, maneiras de falar articulados com ícones da cultura pop – como Star Trek, Matrix e tecnologias andróides.

5 Subjetividade negra em um futuro tecnológico

A trajetória de Jo Mullein é atravessada pela experiência da negritude e pela sua condição diaspórica de mulher negra, que sai do planeta Terra para experimentar controle e violência em uma patrulha intergaláctica. Em determinado momento, ela é confundida com um integrante da etnia alienígena *Nah*, unicamente pela cor de sua pele. Essa cena revela que, mesmo em um futuro distante e em um mundo alienígena, a raça ainda é um marcador imediato de diferença.

Figura 5: A identificação racial como Nah



Fonte: Jemisin e Campbell (2019).

Jo não é apenas uma heroína em missão, mas um corpo negro que carrega significados impostos por outros. Essa subjetividade é também moldada por seu passado, pois ela abandonou a polícia de Nova Iorque após presenciar e sofrer violência policial durante os protestos do *Black Lives Matter*, evento que funciona como “ferida inaugural” para ela e define sua postura crítica diante de instituições de poder, inclusive a própria Tropa dos Lanternas. Esse histórico propõe, para sua figura, uma dimensão de desconfiança frente à lei e à ordem, fato que a diferencia de outros Lanternas tradicionalmente celebrados como guardiões do *status quo* dominante. Não poderia ser diferente, visto que ser uma vigilante, uma policial, uma Lanterna, não a deixaria distante, na Terra ou em *City Endurance*, de ser uma mulher negra dentro de uma corporação que aniquila corpos negros.

Para Neal (2023), Jo Mullein encarna uma inversão radical no cânone dos super-heróis, visto que ela é a única personagem em *Far Sector* capaz de “sentir”, plenamente, em um mundo regulado pelo *Emotion Exploit*. O autor interpreta essa habilidade como uma espécie de “deficiência invertida”, que, ao invés de fragilizá-la, confere-lhe potência crítica e afetiva. Jo se torna uma heroína, não porque transcende sua humanidade, mas porque insiste nela ao sentir, amar e sofrer em um espaço que nega essas dimensões.

Além disso, como destacam as perspectivas afrofuturistas, a subjetividade negra de Jo está em constante negociação de pertencimento. Ela é simultaneamente *insider* e *outsider* (Collins, 1999): é portadora do anel de uma instituição interestelar, mas o faz como mulher negra, situada em um corpo que carrega marcas históricas de exclusão.

Esta posição de estar no limite das subjetividades, nas bordas, nas fronteiras, expõe tensões entre a universalidade e a diferença, entre cidadania galáctica e racialização persistente, fato que é inédito exatamente porque se trata de uma Lanterna Verde que é uma mulher negra. O que *Far Sector* projeta para Jo Mullein, portanto, é uma subjetividade negra que não se dissolve na utopia tecnológica ficcional de um futuro, mas que reitera a permanência do racismo e do controle social, mesmo em cenários especulativos. Jo Mullein emerge como sujeito complexo, que atravessa contextos violentos, sem abrir mão de sua humanidade negra, que, paradoxalmente, é também vista como ameaça, ao conduzir sua investigação. Nesse sentido, sua subjetividade negra em futuros tecnológicos não é apenas representacional, mas uma chave crítica que evidencia como o afrofuturismo desestabiliza mitos heroicos tradicionais e reescreve o futuro como espaço de disputa.

6 Afetos, questões raciais e de gênero

Em *Far Sector*, a política dos afetos é a trama central e a chave crítica para pensar raça e gênero em perspectiva afrofuturista. A *City Enduring* sustenta sua aparente paz e o sucesso de uma cidade sem conflitos por meio de um dispositivo de engenharia social, o *Emotion Exploit*, que retira toda a experiência emocional coletiva. Sem sentir, projeta-se um futuro em que as pessoas são controladas para não sofrer, o que teria implicações na saúde pública; mas essas pessoas também não elaborariam levantes ou se organizariam para cobrar instituições e direitos, pois viveriam em eterna apatia. Trata-se de um regime de controle que, em nome da ordem, elimina dor, dissenso, desejo e raiva, buscando, teoricamente, apagar os afetos que constituem a vida negra e as lutas por libertação, por exemplo.

Nesse cenário, Jo Mullein é “o corpo que sente”, pois é a única humana a sentir em um mundo anestesiado, e isso a singulariza politicamente. Sua diferença afetiva a coloca simultaneamente como alvo e como agente contra a ordem tecnopolítica, e ela consegue investigar perturbações para a ordem, os assassinatos. Se ninguém sente nada, como se extrapola a ponto de matar? Seriam estratégias organizacionais insurgentes ou propostas que partem de dentro das estruturas de poder de *City Endurance*?

Em *Far Sector*, governar emoções é também governar sujeitos (e, particularmente, corpos negros que, na narrativa da HQ, também se representam por meio das castas alienígenas). Essa centralidade dos afetos é indissociável de raça e gênero na caracterização de Jo. A crítica mostra que *Far Sector* expõe a racialização persistente, mesmo em futuros imaginados: as marcas fenotípicas seguem operando como gatilhos de diferença e estigma, mesmo entre espécies alienígenas. No plano visual, o quadrinho compõe uma perspectiva afrofuturista que conduz a leitura racial por meio do cabelo, do vestuário e do brilho verde do anel, que funcionam como assinaturas de presença negra como ícone, como vimos em análise anterior.

A sexualidade de Jo, explicitamente bissexual, não aparece como um anexo identitário, mas como uma dimensão constitutiva da imaginação afrofuturista da história; e normaliza a negritude sexualmente dissidente em um universo *mainstream*, que construiu Lanternas heterossexuais. A narrativa de *Far Sector* projeta um futuro em que corpos e desejos negros não são exceção. No entanto, ser sexualmente diversa é, aqui, um elemento afrofuturista, porque expande o futuro negro para além da heteronorma e reinscreve o direito de desejar como tecnologia de liberdade.

A trama radicaliza essa política dos afetos quando os protestos pela liberação da droga *Shutoff* (que reverte temporariamente os efeitos do *Emotion Exploit*) trazem à superfície a tensão entre polícia e ativismo, o que faz Jo Mullein lembrar seu passado recente. A análise destaca o momento em que Jo, entre o pelotão armado e os manifestantes, ergue uma barreira com o anel, num impasse entre manter a ordem e proteger o direito de sentir.

É uma imagem que sintetiza completamente a trama do quadrinho, numa das categorias que a definem como afrofuturista, pois a heroína negra está no meio de duas forças, separando-as e segurando-as com a própria energia, uma repetição do que ela viveu como policial negra no *Black Lives Matter*. Esse evento torna os afetos não como um excesso a ser combatido, mas como o bem a ser defendido.

Por fim, o entre-lugar de Jo, que sente onde ninguém pode sentir, gera pressões, coloca sua humanidade em risco e testa sua agência institucionalmente. A primeira Lanterna Verde negra reprograma o juramento e o mito de ser Lanterna pelos afetos, em uma nova proposição negra de justiça, que torna a própria *Far Sector* um ato de fabulação política afrofuturista: no futuro, sentir é governar-se. A análise de *Far Sector* permite compreender como os afetos podem ser mobilizados como elemento central na constituição de subjetividades negras de gênero e raça em contextos futuristas.

7 Considerações finais

A análise de *Far Sector* preenche a lacuna da ausência de pesquisas sobre esta história em quadrinhos em português; e evidencia que as propostas afrofuturistas para os quadrinhos nascem a partir de um entre-lugar (reconstrução de personagens tradicionais, mas ainda assim em selos que são considerados alternativos), sendo escritos e ilustrados por pessoas negras comprometidas em organizar um imaginário negro que articule crítica política e esperança narrativa.

A primeira Lanterna Verde negra recebe nome, trajetória, estética e tensiona temáticas que a constituem como marco para os quadrinhos de super-herói e super-heroínas; e revoluciona os mitos dos Lanterna Verde, ao inserir questões raciais, de gênero e de sexualidade, após décadas de um panorama de Tropas embranquecidas. Jo Mullen não deixa de ser uma policial, mas sua história questiona violência e aponta que extinguir as emoções é projeto necropolítico, fazendo um paralelo em relação às mortes reais de pessoas negras, que a própria personagem é, e que está em paradoxo com um mundo alienígena. A análise do quadrinho ainda permite pesquisas futuras que relacionem subjetividades em futuros negros a partir de teorias pós-coloniais e feministas negras em articulação com a teoria dos afetos.

REFERÊNCIAS

- AIN-ZAILA, Lu. **Sankofia: Breves histórias sobre afrofuturismo**. Rio de Janeiro: Edição da autora, 2018.
- AIN-ZAILA, Lu; ERNESTO, Luciene M. Afrofuturismo: insumisiones de una perife-gira global como centro 1. **Taller de Letras**, n. 72, p. 331-343, 2023.
- ARANHA, Glaucio. **O movimento literário cyberpunk: a estética de uma sociedade em declínio**. Via Atlântica, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 251-271, 2019.

BERTOLLI FILHO, Claudio; AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. A recepção da sexualidade nos quadrinhos: analisando o caso Lanterna Verde. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 8, n. 15, 2017.

CAZELLI, Felipe Ribeiro. No dia mais claro, na noite mais densa: mito e religião nos quadrinhos do Lanterna Verde. **Teoliteraria: Revista de Literaturas e Teologias**, v. 9, n. 19, p. 144-172, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Reflections on the outsider within. **Journal of Career Development**, v. 26, n. 1, p. 85-88, 1999.

DC ENTERTAINMENT. **Young Animal**: Comics for dangerous humans. Disponível em: <https://www.dc.com/blog/2016/09/14/young-animal-comics-for-dangerous-humans>. Acesso em: 10 set. 2025.

DERY, Mark. Black to the Future: Afro-futurism 1.0. In: **Afro-future females: Black writers chart science fiction's newest new-wave trajectory**. 2008. p. 6-13.

ENTERTAINMENT WEEKLY. How N.K. Jemisin's Green Lantern comic taught her to think visually. By Christian Holub. **Entertainment Weekly**, 29 out. 2021. Disponível em: <https://ew.com/books/author-interviews/green-lantern-taught-nk-jemisin-to-think-visually/>.

FAUCHEUX, Amandine H. Race and sexuality in Nalo Hopkinson's oeuvre; or, queer afrofuturism and the erotics of the human. **Science Fiction Studies**, v. 44, n. 3 (133), p. 563-581, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GINSBERG, Alexandra Daisy et al. Future shaped by pasts that could have been. **Journal of Design and Science**, 2018.

JEMISIN, Nora Keita; CAMPBELL, Jamal. **Far sector**. Burbank: DC Comics, 2019.

JENKINS, Henry. From Cyberpunk to Afrofuturism: A talk about American science fiction movements. **Emerging Media**, v. 1, n. 2, p. 164-175, 2023.

MANNING, Matthew K.; WIACEK, Stephen (Win); SCOTT, Melanie; JONES, Nick; WALKER, Landry Q. et al. **The DC Comics Encyclopedia**: The Definitive Guide to the Characters of the DC Universe. New edition. New York: DK Publishing, 2021. 384 p.

MOUGOUÉ, Jacqueline-Bethel Tchouta. Gender and sexuality in African futurism. **Feminist Africa**, [Cape Town], v. 2, n. 2, p. 1-10, 2021.

NEAL, D.'arcee Charington. Who is Asking? Afro-Arthurian Legend-making in NK Jemisin's *Far Sector*. **Arthuriana**, v. 33, n. 3, p. 86-103, 2023.

OLIVEIRA, Débora Almeida. Ser diferente é uma maldição: a vida após o fim do mundo na trilogia *A terra partida*, de NK Jemisin. **Antares: Letras e Humanidades**, v. 15, n. 35, 2023.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo; NASCIMENTO, Wanderson Flor. Necropolítica: estratégias de extermínio do corpo negro. **Odeere**, v. 3, n. 6, p. 149-176, 2018.

PORTELA, Millena C. S.; BONFIM, Maria Aracy. A matéria escura as utopias: um estudo da configuração da utopia afrofuturista a partir de *Pantera Negra*, de Ryan Coogler, e *Pele de emergência*, de NK Jemisin. **Ilha do Desterro**, v. 76, n. 2, p. 21-38, 2023.

QUIANGALA, Anne Caroline. **A fantasia deles sobre nós**: a representação das heroínas negras nos quadrinhos *mainstream* da Marvel. 2017. 313 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SANTOS, Luís Eduardo dos; BRANDÃO, Leonardo. A didática da história e a Guerra Fria nas histórias em quadrinhos do Lanterna Verde (1987). **Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 29, p. 2-13, 2024.

SILVA, Rafael Laytynher. A contribuição das histórias em quadrinhos de super-heróis para a formação de leitores críticos. **Anagrama**, v. 5, n. 1, p. 1-12, 2011.

SIMÕES, Alex Caldas; BERTAZO, Kedson de Oliveira. Os quadrinhos na sala de aula: uma experiência de ensino com o Lanterna Verde e os temas transversais. In: **Congresso de Educação, Interdisciplinaridade e Práticas Escolares**. Anais [...]. 2025. p. 01-02.

SOUZA, Waldson G. **Afrofuturismo**: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

TEIXEIRA, João Senna. **O cânone nos comics**. Revista RUA, Campinas, v. 18, n. 1, p. 45-66, 2012.

WOMACK, Ytasha L. **Afrofuturism**: The world of black sci-fi and fantasy culture. Chicago: Chicago Review Press, 2013.

Recebido em: **11/09/2025**

Aprovado em: **22/10/202**

